



XXI ENANCIB

Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

50 anos de Ciência da Informação no Brasil:
diversidade, saberes e transformação social

Rio de Janeiro • 25 a 29 de outubro de 2021

XXI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXI ENANCIB

GT-10 – Informação e Memória

DO CARÁTER DELETÉRIO ÀS LUTAS PELA MEMÓRIA NA CONTEMPORANEIDADE

FROM THE DELETIVE CHARACTER TO FIGHTS FOR MEMORY IN CONTEMPORARY

Edison Luís dos Santos – Universidade de São Paulo (USP)

Marcos Luiz Mucheroni – Universidade de São Paulo (USP)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: O artigo discute sobre o caráter deletério da memória na contemporaneidade. Reflete sobre o processo de apagamento da experiência vivida e a rendição da cultura ao “tecnocientismo”, por meio de imposição de arranjos e sistemas simbólicos os quais revelam uma operação subterrânea de privação do saber e espoliação da memória que se expressa em novas relações de poder, tendo o domínio do conhecimento, da técnica e da informação, como poderoso instrumento político nas lutas pela memória. Na relação entre memória, cultura e informação, propõe novas formas de experimentação do saber com base nos valores das culturas de tradição oral, comumente relegadas ao esquecimento.

Palavras-Chave: artes da memória; informação; brecha digital; cultura; tradição oral.

Abstract: The article discusses the deleterious character of contemporary memory. It reflects on the process of erasing the lived experience and the surrender of culture to technoscience, through the imposition of symbolic arrangements and systems which reveal an underground operation of knowledge deprivation and memory spoliation that is expressed in new power relations, having the domain of knowledge, technique and information, as a powerful political instrument in the struggles for memory. In the relationship between memory, culture and information, it proposes new ways of experimenting with knowledge based on the values of cultures of oral tradition, commonly relegated to oblivion.

Keywords: memory arts; information; digital breach; culture; oral tradition.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo busca problematizar a questão do declínio da arte de narrar e contar histórias; o apagamento da experiência sob o pretexto de que não podemos “perder tempo”, bem como chamar atenção para as lutas da memória na contemporaneidade, na medida em que a cultura está indissociavelmente inscrita e funciona no interior do “jogo de poder” (HARVEY, 2010, p. 19), regulando conduta e ações, que são moldadas pelos significados culturais¹. Sabemos que o tema da memória é bem mais amplo; não se esgota com as técnicas de memorização (mnemotécnica), cujas origens remetem a uma concepção de memória artificial, com predomínio do sentido da visão que recupera imagens a partir de sua associação com *lugares*, e não com *palavras*. A ordem era constituída no eixo da contiguidade no qual as respectivas imagens são organizadas espacialmente, ocupando lugares específicos (teatros, igrejas, catedrais, palácios etc.).

Não se pode negar o fato de que as artes da memória sempre estiveram presentes na cultura ocidental desde Simônides de Ceos até Leibniz, mas a partir da segunda metade do século XX diminuiu consideravelmente o interesse por elas que foram paulatinamente sendo lançadas nas águas profundas e esquivas do esquecimento; o declínio se deve ao aparecimento de outras técnicas que passaram a ser usadas para resolver as novas questões que ora se apresentavam. De outro modo, memórias coletivas são apagadas por civilizações em constantes lutas pela memória, em que os vencedores sempre acabavam determinando o que devia ser lembrado e o que deliberadamente deveria ser apagado da memória.

Em razão de as fontes gregas não se terem preservado, Francis A. Yates introduz sua obra² com o capítulo “As três fontes latinas da arte clássica da memória”: Cícero discute a memória como uma das cinco partes da retórica, em *De oratore*; outra fonte que também concebe a memória como parte da retórica vem de autoria anônima, *Ad C. Herennium libri IV*, enquanto Quintiliano entendeu como forma de aprimoramento dos discursos dos oradores. Assim como outras artes inventadas pelos gregos, a arte da memória foi

¹ Inserem-se neste contexto de crescimento de trabalhos em torno de culturas populares, culturas ancestrais, autores contemporâneos, Peter Sloterdijk e Byung-Chul Han, segundo os quais vivemos em esferas que excluem o Outro; elas criam uma psicopolítica tecnológica. Em seu livro *No enxame: perspectivas do digital*, Han diz: “o poder é uma relação assimétrica. Ele fundamenta uma relação hierárquica. O poder de comunicação não é dialógico... o respeito não é necessariamente uma relação assimétrica”. (HAN, 2018, p. 18)

² YATES, Francis. **A arte da memória**. Trad. Flavia Bancher. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2007, 17-45.

assimilada pelos romanos a partir do famoso episódio do banquete de Simônides.³ As fontes latinas teorizaram a respeito da apreensão da realidade por meio de imagens e prescreveram algumas regras de memorização que consistiam basicamente em imprimir determinadas imagens na memória associando-as a lugares (*Ad Herennium, De oratore, Institutio oratoria*).

Paul Ricoeur esclarece que a memória permanece, em última instância, como a única guardiã de algo que “efetivamente ocorreu no tempo”, apenas para assegurar a continuidade temporal, a memória, fragmentada e pluralizada, se aproxima da história pela sua “ambição de veracidade”. (RICOEUR, 2007) As pessoas aprendiam a memorizar grandes quantidades de informação no período anterior ao advento da imprensa; os contadores de história e oradores gregos memorizavam longas narrativas e discursos, respectivamente. Aristóteles já falava dos que controlam a imaginação mediante a vontade e “fabricam imagens com as quais preenchem os lugares mnemônicos”. (ROSSI, 2010, p. 65)

2 DO CARÁTER DELETÉRIO DA MEMÓRIA

O sucessivo apagamento de memórias coletivas por intermédio da expropriação cultural e simbólica opera-se por conflitos de interesses e constantes lutas pela memória em que os vencedores quase sempre determinaram o que devia ser lembrado e o que deliberadamente deveria ser apagado da memória.

Como decorrência dos infortúnios pós-guerras, as nossas defesas foram destruídas, com a explosão de sons, textos e imagens sem sentido [refugos], excesso de informação sem filtros e o colapso causado pela perda da capacidade de memória. A deificação da tecnologia, em detrimento da experiência, afastou a humanidade dos significados da existência. Com o advento dos novos modos de viver, a invasão de dispositivos diferenciados

³ Plutarco atribui a Simônides de Ceos (556-468 a. C.) duas grandes inovações: a invenção da arte da memória e o pioneirismo na comparação dos métodos da poesia com a pintura. Mesmo havendo divergências quanto ao local onde foi oferecido o tal banquete, consta que o anfitrião, um nobre da Tessália chamado Scopas, sentiu-se ofendido com a atitude do poeta Simônides que entoou um poema, dividindo esta honra com os deuses gêmeos Castor e Pólux. Indignado com a metade que lhe coube, Scopas se negou a pagar a outra parte, a qual Simônides deveria cobrá-la dos deuses. Avisado de que lhe chamavam do lado de fora do banquete, Simônides se ausenta para atender os que o aguardavam, quando repentinamente desabou o teto do palácio que soterrou todos os presentes, incluindo Scopas. Os corpos deformados só puderam ser reconhecidos porque Simônides conseguiu identificá-los a partir da lembrança dos lugares que ocupavam no banquete. A memória de Simônides permitiu que os parentes realizassem o funeral dos seus respectivos mortos. (YATES, 2007, p. 17)

de produção, guarda e transmissão de informações produziu mudanças contundentes que afetaram diferentes níveis da esfera global; por vezes, condenou os saberes da tradição oral ao esquecimento, ou, quando muito, relegou-os à esfera do folclore, do popular, do nostálgico...

No caso das culturas de tradição oral, incluindo as práticas religiosas da cultura afro-brasileira e povos de santo, que se fundamentam no culto aos Orixás (deuses que dançam), tanto quanto os saberes e fazeres transmitidos por gerações (memórias/experiências do *griot* africano)⁴ – continuamente recriados e reelaborados por práticas de apropriação cultural no Brasil – ainda hoje são bastante difundidos por vários estados brasileiros, países na América central e do Sul. Por esta razão, entendemos que são um ambiente privilegiado para a observação cultural e o entendimento do modo de pensar reflexivo e em alteridade.⁵ Este processo de transmissão apresenta uma pedagogia própria, bem como uma linguagem específica de elaboração, expressão e percepção da vida.

As artes da memória foram paulatinamente lançadas nas águas profundas e esquivas do esquecimento. Uma das razões do seu desaparecimento se deve à queda de sua estima, cujo interesse foi declinando lentamente ao longo da história: “Em boa parte por razões objetivas: rubricas, horários, fichários, guias, dicionários, enciclopédias em ordem alfabética, manuais de todo gênero, excessos de papel e, mais tarde, bancos de dados, computadores, conexões entre computadores e bancos de dados tornaram supérflua e inútil a arte da memória. [...] ela sobrevive, como uma espécie de fóssil inútil”. (ROSSI, 2010, p. 66)

A difusão dos avanços tecnológicos, por seu turno, tal como tem sido realizado, é um discurso unilateral que visa ao treinamento de maior número de pessoas no uso de novos produtos e, dessa forma, atinge uma seleta camada da população que pode aspirar a usufruir as novas facilidades (LINS DE BARROS, 2002, p. 76-79). O conhecimento

⁴ Em algumas etnias como os *bambaras* e *fulanis*, o termo escolhido para expressar esta função seria traduzido por “conhecedor”. De acordo com o professor T. Obenga, da República Popular do Congo, o *Griot* africano é um conhecedor, mas “o [Griô] quase nunca trabalha com uma trama cronológica. Ele não apresenta a sequência dos acontecimentos humanos com suas acelerações ou seus pontos de ruptura. O que ele diz e reconstitui merece ser escutado em perspectiva e não pode ser de outra forma. O *Griot* só se interessa pelo homem apreendido em sua existência, como condutor de valores e agindo na natureza de modo intemporal”. (OBENGA, T. *Apud* KI-ZERBO, 2010, p. 72)

⁵ Denominamos por “tradição oral” o universo de vivência dos saberes e fazeres da cultura de um povo, etnia, comunidade ou território que é criado e recriado, transmitido e reconhecido coletivamente através da oralidade, de geração em geração: “A transmissão de informações adquiridas de geração em geração é um aspecto essencial da comunicação humana, e é isso sobretudo que caracteriza o homem: ele é um animal que encontrou truques para acumular informações adquiridas”. (FLUSSER, 2007, p. 93)

tecnocientífico ou “cientismo”, gerado exclusivamente por especialistas, ainda permanece apartado da sociedade, pois deriva de um ambiente excludente e impregnado por valores morais e interesses econômicos que promovem a permanência de relações sociais assimétricas e visões de mundo que as reproduzem e naturalizam.

A natureza sociotécnica dessa era em que vivemos é permeada por estruturas líquidas, arquiteturas movediças e formas inovadoras de comportamento comunicativo. Paralela e simultaneamente, as linguagens híbridas e as novas topologias criam, potencialmente, lugares de memória e produzem conhecimentos por meio de redes sociotécnicas. Nessa esfera da volatilidade, tudo se move: pessoas, coisas, valores, ideias.

Com essa nova condição volátil de vida, a memória se tornou deletéria... Uma nova concepção de mundo passou a deixar deslocado, fora de tempo, tudo aquilo que não representa o “sempre novo e atual”. Nesse contexto, a memória tornou-se matéria suplementar, dispensável à formação da infância e da juventude; quando muito, foi tomada sob o aspecto romântico e nostálgico, de culto ao passado, porém, desconsiderada em seu significativo papel de guarda e transmissão de saberes que deve retornar sob uma nova forma (experiência e sabedoria de vida) vital ao desenvolvimento das gerações. (SANTOS, 2019, p. 171)

3 TECNOCIENTISMO E INAPTIDÃO COGNITIVA

Neste cenário tradicional em que a ciência sobrevive como única fonte de *progresso* e *eficácia*, não há espaços para inovações. A ausência de visão estratégica cede espaço para a coação de uma visão linear e paralisante que asfixia a ação voluntária dos atores (CALLON, 2004, p. 65-69). O fato inegável e perceptível é que há um esgotamento desse modelo tradicional de ciência. Sua lógica linear e determinista costuma desdenhar os atores sociais, em detrimento do emprego de técnicas de quantificação, que os especialistas do tecnocientismo defendem com a pretensão de objetivismo e a deificação da técnica. Ora, uma “sociedade de saberes” não se faz sem questionamentos sobre a lógica estrutural que perpassa os modos de implantação (manipulação) dos dispositivos do conhecimento:

Barrar a expansão dos monopólios cognitivos e as lógicas de rentabilidade financeira, a curto prazo, que limita a capacidade coletiva para desenvolver as inovações de interesse geral, é também questionar as relações de saber. Em um momento em que a sociedade tende a se converter em “empresa” e em que a relação ciência-sociedade tende a variar de acordo com o prisma empresarial, surge a necessidade de novas alianças em torno da pesquisa

com todos os produtores de conhecimentos abertos a fim de produzir conhecimentos sobre nosso mundo, bens públicos e inovações em resposta às demandas não comerciais da sociedade. (MATTELART, 2005, p. 21)

O tecnopólio consiste na deificação da tecnologia que, invariavelmente, busca tornar invisíveis, e irrelevantes, a maior parte das ideias que temos a respeito de religião, arte, família, política, história, memória, verdade, privacidade, inteligência, redefinindo-as segundo as suas novas exigências. É uma tecnocracia totalitária, em que há a submissão de todas as formas de vida cultural à soberania da técnica e da tecnologia. (POSTMAN, 1994, p. 61) Por detrás dos aparatos tecnológicos que se impõem à vida coletiva, há processos de ocultamento, diferenciações sociais, hierarquias, relações e seleções arbitrárias. (ALMEIDA, 2009, p. 11)

Sem nos darmos conta, as novas tecnologias alteram as estruturas de nossos interesses; florestas de símbolos e processos relacionais reconfiguram nossa visão de mundo. Neste movimento de rendição da cultura à supremacia da tecnologia, são drenados simultaneamente nossos valores e nossos sistemas simbólicos tradicionais. Não menos preocupante é o fator ligado ao tempo e à velocidade. A velocidade é uma característica do meio de se obter a informação, mas incompatível com o processo de refletir e produzir conhecimento (cozido) a partir da informação (cru):

A tecnologia, tal como se constituiu no âmbito da sociedade industrial, é diametralmente oposta à ascese e à pura contemplação: o seu projeto é multiplicar imagens, multiplicar palavras, multiplicar elementos de informação e multiplicar instrumentos práticos cujo desígnio é abreviar o tempo e poupar esforço, quer o esforço muscular, quer um certo tipo de esforço mental, como, por exemplo, o da memória. (BOSI, 1995, p. 2)

O paralelo de correspondência entre o desenvolvimento cognitivo e a tecnologias da computação fabricou e ainda alimenta o paradigma de que o cérebro humano assemelha-se ao processamento de informações. O termo *significado* passou a ser sinônimo de *informação*, assim como construção do significado com processamento de informações; nessa direção, subentende-se o “computador como a metáfora reinante e da informatização como um critério necessário para um bom modelo teórico” (BRUNER, 1997, p. 17-18). Uma comparação tão inexata quanto absurda. Os significados são constituídos no cerne da atividade cultural e são, muitas vezes, ambíguos. Sua compreensão se dá, também, no nível da cultura, não podendo ser decodificado com padrões fixos de significação.

O uso crescente de diferentes tecnologias, aliado às inovações constantes dos meios-tecnocientíficos e informacionais, produz e reproduz outro tipo perverso de exclusão, a sociodigital, caracterizada pela marginalização em relação ao *savoir-faire*, inaptidão para a busca significativa de informação: tal lacuna cognitiva inibe a apropriação do saber, impossibilita aceder ao conhecimento, de fato.

4 CONHECIMENTO “INÚTIL” & TEMPO PERDIDO

Embora reconheça que o conhecimento “inútil” teve sua importância relegada ou totalmente confrontada a partir da ética do capitalismo e da lógica do consumo utilitário, Bertrand Russell chama atenção para o valor positivo do tempo dedicado ao conhecimento “inútil”, atitude mental contemplativa por meio da qual nos permitimos buscar eventuais partículas de sabedoria. (RUSSELL, 2002, p. 36-46) Um tempo de lazer dedicado à contemplação, leitura e ampliação da esfera do ser pensante, em detrimento de uma sociedade fundada numa ética do dever que difunde a dignidade edificante do trabalho.⁶

Longe de fazer apologia ao *far niente*, o autor constata que temos discutido de forma cada vez mais exacerbada o valor ou a “inutilidade” do conhecimento, sendo comum a crença de que o único conhecimento digno de se adquirir seja aplicável ao aspecto da vida econômica — “atividade boa é aquela que produz lucro”. Face ao culto reinante da eficiência tecnocrática em que a busca do lucro constitui o único incentivo ao trabalho, resulta a triste constatação: o conhecimento e a memória não são considerados como bens em si mesmos; tampouco compreendidos enquanto meios de criar ou ampliar a esfera do ser e da vida em geral, mas tão somente como ingredientes na perícia técnica.

Para a realização de determinadas atividades como a ciência, filosofia, arte, meditação etc., é imprescindível que estejamos dispostos a “perder tempo” com a reflexão e os “conhecimentos inúteis”, ou seja, é preciso esquecer o tempo do relógio, em favor do ócio, lócus privilegiado para o exercício da memória, da conversa e trocas de experiência. Há um caráter lúdico nessas diversas formas de sociabilidade, incompatíveis com o dilúvio informacional e a aceleração do tempo. Um exemplo particularmente revelador é a forma

⁶ Origem etimológica da palavra “trabalho”: *Tripalium* (do latim tardio ‘tri’ (três) e ‘palus’ (pau) - literalmente, “três paus”) é um instrumento romano de tortura, uma espécie de tripé formado por três estacas cravadas no chão na forma de uma pirâmide, no qual eram supliciados os escravos. Daí derivou-se o verbo do latim vulgar *tripaliare* (ou *trepaliare*), que significava, inicialmente, torturar alguém no *tripalium*. *Tripalium* era um instrumento feito de três paus aguçados, algumas vezes munidos de pontas de ferro, no qual os agricultores bateriam o trigo, as espigas de milho, para rasgá-los, esfiapá-los.

dinâmica da sociabilidade inerente à conversação, prática cotidiana em vias de extinção, em um tempo onde ninguém tem “tempo a perder”, em que “tempo é dinheiro!”.

Conversar com vizinhos ao portão é hoje “perda de tempo”. Contudo, a conversa é o suporte comunicacional mais difundido de toda comunidade humana e cumpre papel decisivo na vida social, ao permitir a partilha de conhecimentos e a possibilidade de entendimento entre os indivíduos. Também na vida sociável, a conversação se transforma em arte de conversar, com um fim em si mesmo e com suas próprias regras artísticas. Simmel assinala o duplo sentido, na língua alemã, da expressão entreter-se (*sich interhalten*), que significa “conversar”, “entretê-lo” ou “distrair-se”:

Por isso é que pertence à essência da conversa sociável o fato de seu objeto se alterar fácil e rapidamente. Uma vez que o objeto aqui é apenas um meio, ocorre-lhe ser tão variável e ocasional como o são em geral os meios frente às finalidades estabelecidas. Desse modo, como foi dito, a sociabilidade oferece um caso possivelmente único no qual o falar se torna legitimamente um fim em si mesmo. (SIMMEL, 2006, p. 76)

Contrariamente, o que se impõe é um novo processo civilizatório, em que nos tornamos, inadvertidamente, escravos da velocidade imposta pelas novas tecnologias digitais, imersos nas metrópoles povoadas por uma multiplicidade de imagens moventes, fragmentos, registros, mercadorias. Nessa configuração em que tudo se move (coisas, gentes e ideais) em função do capital transnacional, ultrapassando as “fronteiras geográficas, históricas e culturais”, os mais diversos estímulos sensoriais e intelectuais colocam nossa sensibilidade à prova ininterruptamente; nossa percepção se altera para responder mais adequadamente à vertigem da velocidade e da fragmentação que caracterizam os modernos centros urbanos.

A marcha imediatista do progresso científico produziu outros processos de ocultamento pela fragmentação do saber. De acordo com o sociólogo Edgar Morin, os avanços disciplinares das ciências não trouxeram apenas as vantagens da divisão do trabalho, trouxeram também os inconvenientes da hiperespecialização, do parcelamento e da fragmentação do saber. Este se tornou mais e mais esotérico – acessível apenas a uma elite de especialistas – e anônimo – concentrado nos bancos de dados e utilizado por instâncias anônimas, a começar pelo Estado. (MORIN, 2011, p. 98)

Com isso diminui-se o espaço para a prática das antigas formas de sociabilidade, delega-se um caráter deletério à memória, à experiência, com pouco tempo para a reflexão

e o desfrute dos conhecimentos “inúteis”. Tal desalento também foi expresso por Aby Warburg, em referência à subtração dos espaços de reflexão e à violência causada pela “espoliação da lembrança”, por imposição do ritmo acelerado das máquinas e da compressão espaço-temporal que subtrai-nos o tempo da conversa e da reflexão: “a cultura da era da máquina destrói o que as ciências naturais, nascidas do mito, tão arduamente conquistaram: o espaço para devoção, que envolvia, a seu turno, um espaço requerido para a reflexão”. (WARBURG, 2005, p. 29)

5 LUTA PELA MEMÓRIA NA CONTEMPORANEIDADE

A memória está essencialmente na base do desenvolvimento das coletividades e dos indivíduos. Operando entre inclusão e exclusão – entre lembrança e esquecimento –, ao serem escolhidos os conteúdos e formas de expressão que deverão ser retidos e transmitidos, trava-se o que Jacques Le Goff (1984) denominou como “luta pela memória”. Tal “luta” resulta na reintrodução, pela linguagem, do repertório das experiências humanas dos vários grupos sociais ao patrimônio simbólico. Sob esse enfoque, as memórias dos sujeitos podem constituir arsenal de força e resistência, “forma de testemunho que impõe limites à tirania ou à ditadura das imagens coletivas”. (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993, p. 292)

Malgrado as tentativas de relegar a memória e a experiência à condição de “fósseis intelectuais”, a transmissão de sistemas artificiais de memórias deixou vestígios e partículas de sabedoria que testemunham a existência de uma cadeia infinita que liga o contexto atual aos circuitos que o precederam. Ora, cada indivíduo, cada grupo, comunidade, segmento, quer tornar público seus modos de ver e compreender o mundo – expressar-se – buscando escapar e contingenciar o peso da existência, da ingrata presença da morte que ameaça todos os seres.

Contudo, os reflexos do caráter deletério da memória geraram rupturas entre as vivências individuais e o legado cultural construído e acumulado pela humanidade; e de tal forma preocupante que levou o filósofo Walter Benjamin, na década de 1930, a denunciar a instalação de uma nova espécie de barbárie dos tempos contemporâneos, advinda da miséria cultural provocada pelo desprezo às memórias e experiências individuais.

No ensaio intitulado “Experiência e pobreza”, Walter Benjamin discute a problemática sociocultural implicada na crise da experiência no mundo contemporâneo: “Qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós?”

A horrível mixórdia de estilos e concepções do mundo do século passado mostrou-nos com tanta clareza aonde esses valores culturais podem nos conduzir, quando a experiência nos é subtraída, hipócrita ou sorrateiramente, que é hoje em dia uma prova de honradez confessar nossa pobreza. Sim, é preferível confessar que essa pobreza de experiência não é mais privada, mas de toda a humanidade. Surge assim uma nova barbárie”. (BENJAMIN, 1987, p. 114-19)

O fato de as histórias humanas – memórias, relatos, experiências, testemunhos – não encontrarem meios de circulação no social na sociedade, lamentavelmente, submete as novas gerações ao abandono, à própria sorte, por se encontrarem privadas de referências “sensíveis”, sem contato com experiências⁷ que as ajudem a conhecer e a inserir-se no mundo.

Na maioria das comunidades de matriz africana no Brasil,⁸ as mulheres são lideranças que tomam a maior parte das decisões do dia-a-dia; já as mulheres mais velhas são as que acumulam saber e conhecimento, por isso geralmente são requisitadas pelos membros da comunidade, constituem uma referência estrutural na existência e manutenção do espaço da tradição oral. Não faz muito tempo, as “conversas” faziam parte da esfera do cotidiano. Quando os espaços públicos (rua, escola, igreja, feiras, festas comunitárias etc.) constituíam extensões dos circuitos privados das relações interpessoais, os grupos sociais estavam mais expostos uns aos outros, criando redes de ensino-aprendizagem espontâneas.

Nessas redes tecidas na esfera do cotidiano, a inclusão de conhecimentos e saberes capazes de “alimentar” o próprio grupo permitia que se aprendesse vivendo, ou seja, em situação real e cotidiana, trocando-se experiência e conhecimentos com os pares sociais. No

⁷ Walter Benjamin fala sobre o rompimento dos vínculos com o passado e a atual situação de miséria em que vivemos, configurada pela “subtração da experiência”.

⁸ Entre os séculos XVI e XIX, o Brasil recebeu aproximadamente cinco milhões de africano(a)s, na condição de homens e mulheres escravizados: trouxeram para o país, além de sua força de trabalho, tecnologias agrícolas e de mineração, culturas, saberes, tradições e valores civilizatórios. Esses povos são originários de diversas regiões do continente africano que compreende os países de Angola, Congo, Moçambique, Benin, Togo, Gana, Guiné, Nigéria, Senegal, dentre outros. A despeito de toda a violência do sistema escravista e do racismo pós-abolição, eles mantiveram vivas suas tradições e práticas culturais. Três grandes matrizes culturais – *Yorùbá*, *Bantu* e *Ewé Fon* – conseguiram preservar muito de suas cosmovisões e saberes tornando-os marcas indelévels na história e no modo de ser e viver brasileiros. Essas matrizes culturais se reelaboraram dando origem a territórios tradicionais, com diversas denominações, de norte a sul do país. (MORAIS; JAIME, 2017, p. 268-83)

microcosmo do saber oral – socioculturalmente cambiante e volátil –, há espaço para o diálogo, experimentação do saber e apropriação social de informação.

Por outro lado, outras tantas intervenções também atuam como “mediações”, produzindo transformações nas comunidades (até mesmo formas de desagregação social) que alteram o seu cotidiano. Objetos, crenças e valores simbólicos produzidos na vida cotidiana para celebrar o tempo de plantar, colher, cantar, dançar (manifestações culturais como tores, jongos, cirandas e batuques etc.), às vezes são transformados em fonte de cisão, discórdia e desunião.

Entendemos que a expropriação cultural encontra terreno fértil em ambientes vulneráveis: afeta negativamente o seu tecido social e não contribui para gerar união no enfrentamento da pobreza, dentre outras privações impostas ao modo de vida local, baixo índice de escolaridade, ausência de saneamento e serviços públicos de saúde. Além da cidadania mutilada pelas situações de violência e expropriação (material e simbólica), comumente nos deparamos com outras formas sutis de expropriação: são posturas com forte tendência ao assistencialismo e à expropriação da representação política. (ARRUTI, 2009, p. 21)

Apostamos no processo de mediação cultural que seja capaz de facilitar a ação transformadora; para tanto, será necessário fazer uso de ações pedagógicas que favoreçam a leitura do mundo, papel decisivo que a “educação para a informação” pode desempenhar a fim de diminuir as barreiras das desigualdades em contextos de alta vulnerabilidade social, econômica e cultural.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O novo contexto da contemporaneidade, marcado pela crise de legitimidade e de pertinência, acentuou o caráter deletério da memória. O quadro tem sido agravado pela velocidade das transformações: reestruturação produtiva, intensificação da comunicação eletrônica e da automação, mudanças significativas no papel do Estado e das instituições sociais, exigindo que reformulemos nossos conceitos a fim dar conta de sua natureza bem como suas consequências.

Vivemos os paradoxos de uma sociedade paralisada pelo excesso de informação sem sentido. Uma sociedade globalizada que “no seu bojo transporta a miséria, a marginalização e a exclusão da grande maioria da população mundial” (SANTOS, 2002, p. 53), e outros

processos de ocultamento que se traduzem pelo esfumaçamento dos parâmetros de tempo e espaço: a negação aos direitos de existência, de permanência e preservação da memória, principalmente quanto às particularidades de populações tradicionais, tais como respeito, proteção e promoção da diversidade de suas expressões culturais.

O universo abundante de informações, facilitado pelo maior acesso a instrumentos, ferramentas e tecnologias informacionais, não implica a apropriação automática de novos códigos e valores socioculturais. Por essa razão, observamos que há forte interesse em analisar o modo de operação e construção dos esquemas cognitivos e sistemas de pensamento, tendo como pano de fundo o papel exercido pela linguagem e seus respectivos sistemas de representação, no processo de aprendizagem informacional.

O modelo convencional “disciplinar” e formal tem sido a mais pródiga fábrica de medíocres em informação.⁹ Dados à estampa, são flagrantes em nosso país os baixos índices de rendimento e as deficiências de aprendizado, traduzidos em apatia social e “perda de interesse”. Na perspectiva do universo digital, este processo se acelera brutalmente: “A exigência de tornar a própria escrita transparente acaba, na verdade, por igualar à sua dissolução... ela não é capaz da produção do *inteiramente outro, do singular*”. (HAN, 2018, p. 41, grifo do autor)

Novos modos de pensar e de agir na contemporaneidade requerem uma política pública educacional, com novos processos de aprendizagem e de experimentação do saber. Nesse sentido, não basta simplesmente ter acesso a novas tecnologias e/ou novos dispositivos técnico-informacionais; é preciso apropriar-se dos significados, experimentando novas formas de conhecimento, menos “funcionais, disciplinares e paralisantes”.

Uma perspectiva de diálogo entre saberes e fazeres talvez pudesse ampliar horizontes da “esfera do ser”, ajudando-nos a enfrentar os preconceitos de nosso tempo e preparando-nos para novas formas de sociabilidade. Sem a aprendizagem dos novos saberes informacionais, teremos dificuldades de dar um salto para o futuro: o veto cognitivo impede-as de integrar-se à cultura, assimilar, processar e produzir novos saberes na algaravia informacional da aldeia global.

⁹ Recentemente foram apresentadas as conclusões decepcionantes obtidas pela OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico), com base no Relatório “Leitores do Século 21 - Desenvolvendo Habilidades de Alfabetização em um Mundo Digital”: demonstram que a familiaridade dos adolescentes atuais com a tecnologia, que faz deles “nativos digitais”, não os torna automaticamente habilitados para compreender, distinguir e usar de modo eficiente o conhecimento disponível na internet. Fonte: OCDE.

Ignorar o papel das bibliotecas (públicas e escolares), e não integrá-las à prática do *aprender a se informar e aprender a informar* (LE COADIC, 2004) impede igualmente que se cumpra o papel maiúsculo da Biblioteconomia e da Ciência da Informação: formar jovens pensadores críticos, propensos a tomar decisões mais inteligentes e socialmente responsáveis. Os profissionais da informação e/ou educadores poderiam atuar mais como mediadores culturais, não simplesmente ordenando a desordem, mas incitando a produção cooperativa e o intercâmbio para a criação de novos saberes.

Apostamos em alternativas que possam fortalecer o protagonismo cultural dos sujeitos do saber, oferecendo-lhes “razões para viver e ter esperanças... Meios de agir a fim de aumentar a beleza e a sabedoria no mundo... porque a cultura é como a natureza: ela vive pela respiração, pelos fluxos, pelos sopros, pelas fecundações e mestiçagens” (QUÉAU *apud* MORIN, 2001, p. 460-80), numa perspectiva de diálogo entre sujeitos e saberes, para que possamos ampliar a psicoesfera do cotidiano, e do próprio “Ser”!

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. A. A produção social do conhecimento na sociedade da informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 19, n. 1, p. 11-18, 2009.

ARRUTI, José Maurício. Notas sobre as iniciativas federais em educação no contexto das políticas públicas para quilombos. *In: Educação escolar quilombola: pilões, peneiras e conhecimento Escolar*. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação, 2009, v. 1, p. 13-31.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOSI, A. Considerações sobre o tempo e informação. *In: SEMINÁRIO INTERNET, MENTE E SOCIEDADE*, 1995, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: IEA-USP, 1995.

BRUNER, J. O estudo adequado do homem. *In: Atos de significação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, p. 15-38.

CALLON, M. Por uma nova abordagem da ciência, da inovação e do mercado: o papel das redes sociotécnicas. *In: PARENTE, A. (org.) Tramas da rede*. Porto Alegre: Sulina, 2004, p. 64-79.

FLUSSER, V. **O mundo codificado**: por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

HAN, Byung-Chul. **No enxame**: perspectivas do digital. Petrópolis: Vozes, 2018.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 19. ed. São Paulo: Loyola, 2010.

KI-ZERBO, J. (coord.) **História Geral da África I: metodologia e pré-história da África**. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010, p. 167-212.

LE COADIC, Y. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LE GOFF, Jacques. Memória. *In*: GIL, F. (org.). **Memória - história**. Porto: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1984. (Enciclopédia Einaudi, 1)

LINS DE BARROS, H. Apropriação social da ciência na idade da tecnologia. **INCI**, v. 27, n. 2, p. 76-9, 2002.

MATTELART, A. Sociedade do conhecimento e controle da informação e da comunicação. *In*: ENCONTRO LATINO DE ECONOMIA POLÍTICA DA INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E CULTURA, 5., 2005, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: UFBA, 2005. p. 1-22.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. revisada. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.

MORAIS, Mariana Ramos de; JAYME, Juliana Gonzaga. Povos e comunidades tradicionais de matriz africana: Uma análise sobre o processo de construção de uma categoria discursiva. **Civitas, Rev. Ciênc. Soc.**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 268-283, ago. 2017.

OCDE. **Leitores do Século 21: Desenvolvendo Habilidades de Alfabetização em um Mundo Digital**. Relatório, 2021. Disponível em: https://www.oecd-ilibrary.org/fr/education/21st-century-readers_a83d84cb-en. Acesso em: 01 jun. 2021.

PARENTE, A. (org.) **Tramas da rede**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

POSTMAN, N. **Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia**. São Paulo: Nobel, 1994.

QUÉAU, P. Cibercultura e infoética. *In*: MORIN, Edgar (org.) **A religião dos saberes: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007.

ROSSI, P. **O passado, a memória, o esquecimento**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

SANTOS, B. de S. Os processos da globalização. *In*: **A globalização e as ciências humanas**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 25-102.

SANTOS, E. L. dos. Mestres do saber oral: a escuta poética da fala. **Revista Extraprensa**, v. 13, n. 1, p. 169-184, 30 dez. 2019.

SCHMIDT, M. L. S.; MAHFOUD, M. Halbwichs: memória coletiva e experiência. **Psicologia USP: Memória**, São Paulo, v. 4, n. 1/2, p. 285-298, 1993.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006.

VIANELLO OSTI, Marina. Identidad del hipertexto. **Litterae**: Cuadernos sobre cultura escrita, 2, p. 151-178, 2002.

WARBURG, A. Imagens da região dos índios Pueblo da América do Norte. *In*: **Concinnitas**, ano 6, v. 1, n. 8, jul. 2005.

YATES, Francis. **A arte da memória**. Trad. Flavia Bancher. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2007.